

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Johann Gustav Droysen e a cultura grega clássica

Pedro Spinola Pereira Caldas¹

RESUMO

Esta comunicação pretende demonstrar a influência da cultura grega na teoria da história de Johann Gustav Droysen. Para que tal influência seja compreendida, é necessário, em primeiro lugar, contextualizar a importância da cultura grega clássica para a cultura alemã moderna; em segundo lugar, será fundamental entender como a filosofia grega determina a concepção de ciência em Droysen; por fim, a partir do que já pensaram James McGlew e Jörn Rüsen, será colocada a questão da estrutura trágica do pensamento histórico em Droysen.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria da História – Grécia clássica – Historicismo alemão.

ABSTRACT

This paper aims to show the influence of greek culture in Droysen's theory of history. In order to understand this influence, it is necessary, firstly, to contextualize the importance of greek classic culture among german modern culture in general; secondly, it will be essential to understand how greek philosophy determines Droysen's concept of science; finally, from the conclusions already taken by scholars as James McGlew and Jörn Rüsen, one shall discuss the issue of the tragic structure of Droysen's historical thought.

KEYWORDS: Theory of History – Classic Greece – German Historicism.

A proposta da comunicação que apresentarei a partir de agora consiste em analisar a importância dos estudos de Johann Gustav Droysen (1808-1884) sobre a cultura grega clássica. Evidentemente, não esgotarei o assunto, e assim me limito a traçar possíveis campos de abordagem para o campo da história da historiografia.

Esta importância seria revelada posteriormente em suas preleções teóricas de 1857, mais conhecidas como **Historik**, nas quais Droysen estabelece com enorme sofisticação o estatuto científico, metodológico e mesmo estético da escrita e da pesquisa históricas. A escolha é plenamente justificável: Droysen começou sua vida intelectual como tradutor de Ésquilo e Aristófanes; mais ainda, seu primeiro livro de vulto é uma obra sobre Alexandre Magno, texto responsável pela cunhagem madura do conceito de helenismo e pela revisão da ideia de decadência na história ocidental. Este trabalho faz parte de um conjunto de preocupações, a saber: a de compreender a teoria da história a partir de uma determinada cultura histórica. E, no caso do espaço cultural germânico no século XIX, não se pode falar

¹ Professor Adjunto do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia.

em sua cultura histórica sem ao menos uma menção à concepção que alguns autores pertencentes a esta cultura tinham em relação à própria temporalidade em que estavam inseridos. E a relação da cultura alemã moderna com a cultura grega clássica é, neste aspecto, bastante rica. Droysen é apenas um dos locais deste encontro marcado pelos alemães com os antigos helenos.

Para melhor compreender a influência da cultura grega em Droysen, considero necessário proceder da seguinte maneira: [I] farei breve esboço da imagem da cultura grega recebida por Droysen; [II] tentarei demonstrar como a filosofia grega, ou, digamos, o modelo grego de conhecimento determina as bases sobre as quais Droysen construirá seu argumento em torno da necessidade de uma teoria da história, e, por fim, [III] a partir dos comentários de Droysen sobre Ésquilo tentarei compreender uma filosofia da história de Droysen. Desta maneira, perfaço três etapas do que gosto de chamar “dimensões reflexivas da história”. Sim, pois é necessário, antes de estabelecer as bases do conhecimento histórico, isto é, antes de investigar sua possibilidade e seus limites (o que corresponde à parte “II”), me parece ser fundamental questionar se o mesmo é necessário (o que pretendo fazer na parte “I”). Estabelecidas sua legitimidade e necessidade, a investigação em torno de seu sentido vem a seguir (problema a ser abordado no item “III”).

I

Feitas as considerações preliminares, abordo o primeiro ponto: é salutar que se enquadre a história da historiografia dentro de um painel intelectual razoavelmente amplo. Como lembra Wolf Lepenies (LEPENIES, 1978:444), a história da ciência, ou, se preferirem, a história de uma forma de conhecimento, perde sempre que a abordagem é monodisciplinar. Neste sentido, por mais que Droysen não tivesse a menor dúvida quanto à sua identidade profissional – ao contrário de um Johann Gottfried Herder, por exemplo, autor polígrafo que também faz parte da tradição historista (ou historicista) – e sempre escreveu, lecionou e pesquisou como historiador. Todavia, isto não lhe tirava a consciência de pertencimento a uma tradição intelectual ampla, que incluía a literatura e a filosofia.

Passo rapidamente ao primeiro ponto. Lê-se nas cartas de Schiller para a educação estética da humanidade:

Que indivíduo moderno apresentar-se-ia para lutar, homem a homem, contra um ateniense pelo prêmio da humanidade? De onde vem esta relação desvantajosa dos indivíduos, a despeito da superioridade do conjunto? Por que o indivíduo grego era capaz de representar seu tempo, e por que não pode ousá-lo o indivíduo

moderno? Porque aquele recebia suas forças da natureza, que tudo une, enquanto este as recebe do entendimento, que tudo separa. (SCHILLER, 1990:40)

Trata-se de uma imagem relativamente comum, que poderemos encontrar logo no início do **Hipérion**, de Hölderlin. Mesmo Johann Gottfried Herder, autor que procurará se desvencilhar de qualquer idéia de modelo para a compreensão histórica, entende o período grego como aquele que é irrecuperável, para usar os termos de Peter Szondi. Esta relação com a natureza, para Hegel, possui, ao menos em suas preleções sobre a filosofia da história (não considero aqui a história da filosofia, por exemplo) um sentido distinto ao que se encontra em Schiller. É certo que ele representa o espírito grego a partir da idéia de “bela individualidade”, mas, para Hegel, nos gregos “a atividade do espírito ainda não tem neste momento em si mesmo o material e o órgão de sua expressão, ela ainda necessita o estímulo natural e da matéria natural (...) O espírito grego é o artista plástico que transforma a pedra em obra de arte.” (HEGEL, 1999:293-294).

A naturalidade, em Hegel, significa imediatamente alienação, o que não se percebe em Schiller, que a entende como unidade. Por outro lado, ambos têm uma visão semelhante sobre a forma democrática e política em geral do mundo grego: se para Hegel a democracia era a forma ideal do estado ateniense, uma vez que nela o cidadão se expressava imediatamente (no sentido próprio de fazê-lo sem mediações) e, ainda, a ausência de uma unidade que pairasse sobre a multiplicidade das cidades-estado. Schiller dirá algo parecido, contrapondo a natureza de “pólipo” da vida política helena com a fragmentação moderna.

Vê-se que o problema reside, para ser breve, na questão da unidade. Ela seria ainda possível na vida ativa e na vida científica? Ela o seria em uma, e, portanto, não na outra? Seria em uma, e, portanto, não o seria na outra? Ou seria impossível em ambas? Por ora, fica a questão indicada, pois a imagem da Grécia haverá ainda de ser tratada e remodelada por outros nomes posteriores a Droysen, tais como Jacob Burckhardt e Friedrich Nietzsche.

II

É necessário entrar no segundo ponto, a saber, como a visão droyseana do mundo grego sustenta sua própria concepção de ciência, e, portanto, da própria ciência histórica. Em um texto de 1838 sobre a literatura grega, que ele entende como o universo das letras gregas (incluindo a filosofia), Droysen perfaz um movimento muito semelhante ao que fará, quase vinte anos depois, para definir o estatuto científico da ciência histórica. Tento seguir o argumento de Droysen. Para este, em termos gerais, o desenvolvimento grego era natural,

orgânico, e isto quer dizer, sem interferência de um elemento externo que lhes impusesse algum padrão: “sem perturbações, sem o fardo de tradições alheias (...) aprendendo a partir de si mesmo (...) este povo, em sua história, forneceu o perfeito paradigma de desenvolvimento humano” (DROYSEN, 1894:64).

Ainda neste pequeno texto, na verdade uma resenha, Droysen afirma que a Guerra do Peloponeso foi um divisor de águas na história helênica. Sua consequência foi a cisão irreduzível entre duas formas de pensamento, que precisavam ser posteriormente reunidas: de um lado, a escola de Isócrates – a sofística – e por outro, a escola platônica. E Aristóteles teria sido a possibilidade de reconciliação entre as duas tendências opostas. Droysen diz que “a grande obra da sofística foi mostrar que tudo não passa de opinião subjetiva” (DROYSEN, 1894:66), e que é esta subjetividade do homem a medida de todas as coisas. A escola socrática terá função oposta. Segundo Droysen, “foi a grande obra de Platão ter extraído um mundo ideal deste mundo vivo da consciência, cujas infinitas contradições com a realidade só distanciam o espírito do mundo real; foi a grande obra de Platão escapar do infortúnio de sua época rumo ao silencioso reino dos pensamentos (...)” (DROYSEN, 1894:67). De um lado, os sofistas e sua subjetividade impositiva; de outro, o socratismo que busca o conceito e a verdade dadas fora de qualquer circunstância passional. A síntese será dada, para Droysen, em Aristóteles, segundo ele o maior espírito da Antigüidade. Para Droysen, Aristóteles percebe possibilidade de questionamento em todos os níveis da realidade: não há porta que não nos leve ao mundo do conceito.

O que Droysen percebe em 1838 será a base do que formará sua visão sobre o mundo científico em 1857, quando leciona pela primeira vez seu curso teórico futuramente compilado na obra **Historik**. A intenção de Droysen, exposta logo na introdução de suas preleções, consiste em despertar o historiador para o exercício da consciência de seu ofício: neste sentido, a tarefa já é em si mesma aristotélica. Dito de outra maneira: não há campo de especialização que liberte o historiador da tarefa de pensar sobre a natureza de sua operação, sobre os limites de seu conhecimento. Não deverá ele crer que é possível estabelecer uma divisão do trabalho, no qual o filósofo se encarrega dos limites epistemológicos e do sentido da história. Este aspecto ainda será desenvolvido posteriormente, mais precisamente quando Droysen expuser as potências éticas da história, que, das mais concretas às mais abstratas, mantém entre si uma relação estreita, uma relação que Burckhardt futuramente chamaria de “coordenativa”. Não há, Droysen lembra, compreensão possível da família islâmica sem que se leve em conta os princípios teológicos do islamismo que legitimam ser permitido a um

homem ter várias mulheres – e esta estrutura familiar também será influente na divisão social do trabalho, etc. Nada há que não seja interessante ou digno de questão.

Pode-se levar ainda mais longe: ao tentar situar a história como uma ciência entre as físico-matemáticas e as especulativas, Droysen realiza um movimento análogo. Claro que seu diálogo é diretamente com os físicos e filósofos de seu tempo (Helmoltz, de um lado, e Hegel, de outro, por exemplo), e tampouco teria coragem de classificar um Helmholtz como um sofista, mas é plausível a associação com o método físico – no qual o objeto, ou tema, apenas confirma uma lei que lhe é anterior – e com o filosófico – a busca de substâncias. Estudos posteriores podem confirmar tal aspecto.

Reconhecendo tal limite, parto, pois, para a terceira etapa desta comunicação.

III

O excelente estudo de James McGlew sobre a semelhança estrutural da construção do herói trágico das peças de Ésquilo com a própria descrição da estrutura da ação história que Droysen fará na **Historik** não me deixa muito espaço para contribuir de maneira especialmente inovadora. McGlew percebe a história grega como um processo de conquista da liberdade, e, segundo ele, neste que seria um princípio dionisíaco da história, há uma emancipação que se verifica nas tragédias de Ésquilo, mais especificamente na **Orestéia** e em **Sete contra Tebas**. O que apresento aqui, portanto, serve mais como mais um elemento da cartografia proposta, a de mapear a influência da cultura grega clássica no pensamento de Droysen, do que em contradizer o que já fora dito sobre McGlew e, claro, Jörn Rüsen em sua tese de doutoramento, na qual se lê: “Na Tragédia, que simultaneamente nega e afirma o mito, aparece para Droysen como sendo a constituição espiritual do Homem” (RÜSEN, 1969:27). Ou seja, a tragédia é um microcosmo da história.

Caso estejamos empenhados em entender o porquê da urgência da *Historik*, seria realmente o caso de compreender a gênese do pensamento histórico e de seu método, e, por mais que a pergunta pelo sentido do próprio objeto do conhecimento histórico seja, pelo menos no contexto intelectual no qual respirava Droysen, sempre uma pergunta autorizada como da filosofia do espírito, de alguma maneira Droysen terá que conciliar sua atração pelas particularidades sem as converter em “materialidades” dispersas e fechadas em si mesmas ou completamente subordinadas a um todo acabado. Sua tarefa consistirá em determinar formalmente a sensibilidade para as contingências, que jamais terão um sentido em si absoluto, tampouco serão meros casos subordinados a uma lei qualquer. Entender o que é a

contingência é tarefa difícil, tanto mais quando enraizada em uma experiência comum a todos os homens, não sendo de posse exclusiva dos profissionais de história. Vale a pena ler uma passagem de Droysen que merece sempre ser ouvida:

O homem ilumina o seu presente com um mundo de lembranças, lembranças jamais arbitrárias, caprichosas, mas lembranças tais que sejam um desdobramento e significação daquilo que ele possui em si e em torno de si como resultado dos tempos passados; ele tem esse momento primeiramente de modo imediato, sem reflexão; ele os tem, como se não os tivesse, e somente quando os observa e os traz à consciência, reconhece o que dele neles existe, a saber, a compreensão de si mesmo e seu condicionamento e determinação imediatos. Ele nada seria sem eles, (...) e somente com este reconhecimento adquire conteúdo e profundidade. (...) com esta percepção profunda, Ésquilo faz Prometeu dizer que fez os homens enxergarem, quando somente viam, e escutarem, quando somente ouviam (DROYSEN, 1977:10).

A idéia de presente nesta passagem está impregnada pela sensação de fugacidade e ausência de sentido, mas afirma desde o início a sua superação e assimilação: se assim não fosse, a contingência limitar-se-ia a ser de fato pouco mais do que o absurdo.

Ter se utilizado de Ésquilo ilustra o surgimento desta consciência histórica que busca escapar da fugacidade. Seu acerto resulta da obra do tragediógrafo sempre haver sido vista como uma formidável representação da consciência histórica culpada. Ainda na década de 30, Droysen dirá sobre Ésquilo:

Suas tragédias não começam, como noutros poetas, com uma bela paz que é depois desestabilizada por um infortúnio. O que precede suas tragédias é um constrangimento obscuro, latente, que se agarra nas raízes da vida (...) O conteúdo de suas tragédias não é um fato puro, mas sim o desvelamento do mistério de que o homem nasce culpado e vive com a culpa. Esta culpa é a existência que se quer pertença de si mesma, é a liberdade e a ação. (DROYSEN, 1894: 280-281)

A passagem sobre Ésquilo é uma antecipação do que Droysen diria mais de vinte anos depois na *Historik*: o desvelamento do mistério é a revelação da culpa que sabe que nada seria sem o passado que a determina, ainda que a culpa seja fruto somente da reflexão. Fundamental, todavia, é ressaltar o que há de **positivo** na culpa em Droysen: existência que se quer pertença de si mesma.

Bibliografia

DROYSEN, Johann Gustav. **Kleine Schriften zur alten Geschichte**: Band II Leipzig: Veit & Comp., 1894.

_____. **Historik**. Ed. Peter Leyh. Stuttgart; Bad-Canstatt: Fromann-Holzboog, 1977.

HEGEL, Georg W.F. **Werke Bd.12: Vorlesungen über die Philosophie der Weltgeschichte**.. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1999, 5a.ed.

LEPENIES, Wolf. Wissenschaftsgeschichte und Disziplingeschichte. Geschichte und Gesellschaft: Zeitschrift für historische Sozialwissenschaft, n.4, 1978.

McGLEW, James. J.G. Droysen and the Aeschylan hero. Classical philology, v.79, n.1, jan.1984.

RÜSEN, Jörn. **Begriffene Geschichte**: Genesis und Begründung der Geschichtstheorie J.G. Droysens. Paderborn: Schöningh, 1969.

SCHILLER, Friedrich. **Educação Estética do Homem**. São Paulo: Iluminuras, 1990.